

Carta sobre Ruy Barbosa

Recife, 31/12/1926.

Meu caro Ulysses Brandão

Quando ha dias nos encontramos no salão da directoria da Faculdade—estando V. em amavel palestra com varios dos seus collegas, professores daquella Escóla—ao fallar-se de Ruy Barbosa, que sei merecer-lhe o culto sincero e fervoroso dos crentes verdadeiros, tive a oportunidade de referir um facto que se relaciona com a passagem do grande homem por esta nossa cidade.

Será cousa de importancia minima para outro qualquer, que não sinta pela memoria do glorioso brasileiro a admiração sem limites que o digno collega lhe consagra.

Para quem ama e admira a Ruy, como V. o ama e admira, não ha episodios sem valôr, nem particularidades sem significação. Porque tal nome possui a virtude magica de projectar sobre as cousas mais triviaes o esplendor e a elevação, que foram attributos daquella intelligencia suprema.

Como V. me manifestou o desejo de que eu expuzesse por escripto o que lhe narrei em conversa, obrigo-me a escrever estas poucas linhas, com o proposito unico de lhe ser agradável.

Ahi vae, pois, a repetição do que lhe disse na Faculdade.

Recordo-me ainda perfeitamente de que, estando a cursar a Faculdade em 1890, estive hospedado no antigo *Hotel D. Maria*, que dava para o *Largo do Arsenal de Marinha*. Esse hotel, muito frequentado por gente do commercio, já não existe.

Alli fiz conhecimento com um cavalheiro pertencente a uma familia ingleza, que residia numa chacara para os lados de Santo Amaro. Era o senhor Purcell, proprietario de uma lithographia situada na Rua Marquez de Olinda que já desapareceu, demolida para abrir espaço á avenida do mesmo nome.

Quanto á lithographia, não sei que destino teve.

O senhor Purcell era no hotel meu visinho de mesa. Delle ouvi varias referencias aos primeiros annos da vida academica do então ministro da fazenda do governo provisorio da Republica.

Affirmou-me aquelle cavalheiro que havia sido em casa de seu pai, o velho Purcell, que Ruy Barbosa residira durante o tempo em que cursou o primeiro ou o segundo anno da nossa Faculdade. E, a proposito, accrescentava que o joven Ruy poucas palavras trocava com elle, embora fossem da mesma idade. Sempre esquivo e taciturno, ás voltas com os livros, quasi só fallava com as pessoas da casa por occasião das refeições. Quando não andava pela Academia, frequentando as aulas, é porque estava em seu quarto, estudando. Raramente sahia a passeio. Ruy fallava perfeitamente o inglez, e era nessa lingua que se communicava com as pessoas da familia Purcell.

E foi tudo o que ouvi de uma pessoa a quem conheci por mero acaso, e com quem nunca mais me encontrei depois.

O senhor Purcell, sei que já é fallecido. Ignoro se existe no Recife algum parente delle. Mas o digno amigo, que conta a fortuna de privar com a familia do grande Ruy Barbosa, de quem foi durante largos annos companheiro de advocacia e de jornalismo, muito bem poderá esclarecer este

ponto. E certamente alcançará noticia mais circumstanciada ácerca da estada do egregio patricio nesta cidade, a que elle dedicou uma das suas mais fulgurantes paginas de eloquencia, naquelle *Hymno ao Recife*, que fez publicar, se me não falha a memoria, na *A Provincia*, quando regressou de Londres, onde estivera exilado, em 1894 ou 1895.

Desculpe-me o amigo se lhe não offereço elemento de maior valia a respeito da passagem por terra pernambucana, do seu idolatrado amigo e mestre, que será tambem, indiscutivelmente, o mestre dos mestres para todos nós, que professamos a nobre sciencia do Direito.

Sempre o seu amigo e collega admirador,

Octavio Tavares.
